

**ARTUR
DE
SOUSA
(Pinga)
do
Futebol
Clube
do
Porto**



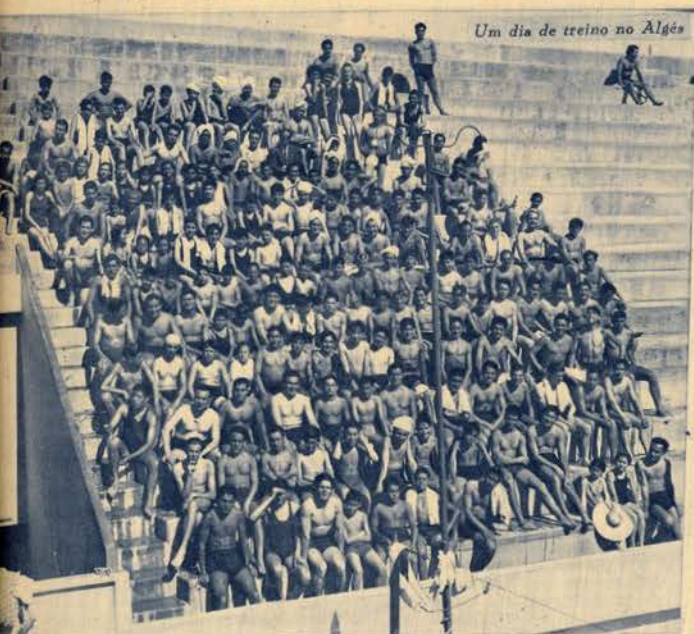
O famoso jogador dos campeões do Norte, antigo campeão de Portugal e da Liga, 22 vezes «internacional», abandonou o futebol no último domingo, recebendo do público uma carinhosa manifestação de simpatia.

A ILUMINANTE

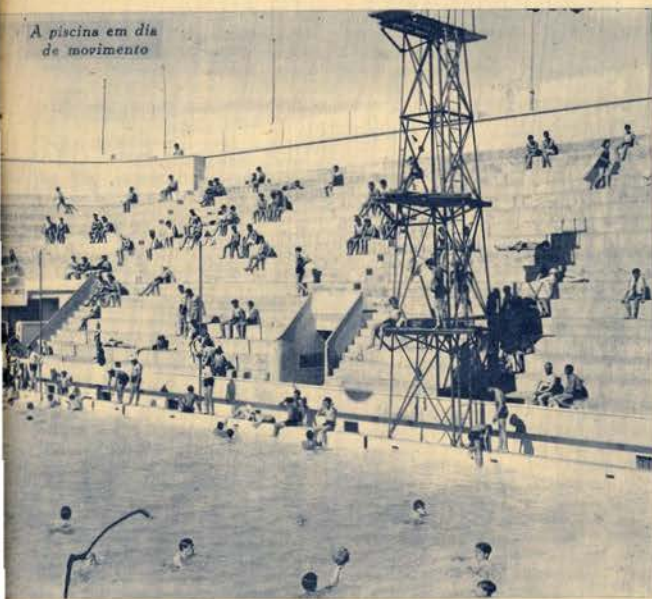
MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACÕES

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*



Um dia de treino no Algés



A piscina em dia de movimento

NÃO se extinguiram ainda os ecos das festas comemorativas do 31.º aniversário do Sport Algés e Dafundo, encerradas há uma semana, com um festival de natação — a todos títulos brilhante — para disputa de um troféu — a taça «Comissão de Obras» — que ficará perpetuamente, como um padrão, a atestar o reconhecimento e a gratidão das gerações vindouras, por esse núcleo de homens íntegros e de boa vontade, que conceberam o magestoso Estádio náutico.

E', pois, oportuno falar do Algés, essa colectividade que por um conjunto de circunstâncias várias ocupa, hoje, um lugar à parte no desporto nacional. E porquê?

Porque resolveu, dentro do bom critério, todos os problemas que cumprem resolver a um grande clube desportivo.

Começou pelo princípio — pelas instalações. Formou uma enorme massa de nadadores, saídos das suas escolas. E como corolário natural destes dois factos, deu-nos campeões, alguns de valor internacional.

Não representa, pois, hipérbole, dizer que o Sport Algés e Dafundo ocupa hoje, no desporto nacional, um lugar à parte ou pelo menos, que a ele tem inteiro, jus.

Não cabe, evidentemente, num artigo de jornal, uma discriminação circunstanciada do que tem sido a actividade do Algés, através dos seus trinta e um anos de existência. Temos que nos contentar, apenas, com a indicação de alguns pormenores mais importantes.

A homenagem da *Stadium* fica, no entanto, bem marcada, pelo que tem de sincera. Sincera — e justa.

O melhor Estádio Náutico da península

Para o Algés e Dafundo, a sua maior coroa de glória é, sem dúvida, a construção do magnífico estádio náutico — o melhor da península.

Nunca é demais pôr em relevo o que a edificação dessa obra magestosa representa como esforço de uma colectividade — nessa altura de reduzida expansão — e, acima de tudo, como elevada e certa compreensão das necessidades do desporto. O aparecimento da piscina, há dezasseis anos, marca o início de uma era nova na natação lusitana. Só assim foi possível o progresso técnico dos nossos nadadores. Só assim foi possível ver em acção os melhores valores da natação europeia e admirar até, em 1939 a classe excepcional de um campeão olímpico — o húngaro Csik.

E, volvidos mais de tres lustros, no capítulo instalações a natação continua ainda, em Lisboa, a contar exclusivamente com o Estádio de Algés.

A organização de provas

Outro facto notável da actividade do Algés — a organização de provas pormenor importantíssimo na vida de qualquer modalidade desportiva. E' nos impossível, porque o espaço não permite, evocar todas as belas jornadas natatórias — que muitíssimas são — a que para sempre ficou ligado o nome do Sport Algés e Dafundo.

Não queremos, no entanto, deixar de nos referir ao intercâmbio realizado com os principais clubes de Espanha, a partir de 1932.

E acima de tudo, relembramos as visitas das equipas alemã e húngara, respectivamente em 1938 e 1939, que nos proporcionaram jornadas de natação que jamais se poderão olvidar. Isto no campo internacional. Porque no campo nacional, a lista seria interminável. Anualmente, o Algés nos oferece uma série de bons festivais cuidando, assim, da melhor maneira da natação e do «water-polo». A sua acção tem-se estendido até à província, em belas e proveitosas jornadas de propaganda. E ainda há poucos anos foi de abalada até à ilha da Madeira.

Nomes grandes de ontem...

De há trinta e um anos que na primeira fila dos nadadores portugueses figuram representantes do Sport Algés e Dafundo! De Rodrigo Bessone Basto a Guilherme Patroni, quantos nomes gloriosos, quantas relíquias da natação lusitana!...

O primeiro triunfo do clube, foi obra de Bessone Basto, em 1916, na travessia do Bugio a Santo Amaro de Oeiras

Bessone Basto foi, duramente muitos duos, sustentáculo do Algés e Dafundo. Era um nadador excepcional. Hoje volvidas tres décadas, é o seu presidente de direcção.

(Continua na página 10)



Guilherme Patroni, a grande esperança do Algés e Dafundo



As senhoras do Algés. Friso elegante que nos recorda muitos nomes



O Algés e Dafundo também se dedica ao tennis. Eis o seu campo

Ainda a lenda das declarações

O PORTUGAL-ESPANHA realiza-se na próxima época

LOGO no aeródromo de Barajas, no sábado, antes do Espanha-Irlanda, quando chegámos, após duas horas e quinze de viagem, por encontrarmos vento contrário, nos interrogamos sobre os irlandeses. E quando damos a nossa opinião, breve e simples, a mesma a todos (os irlandeses sabem jogar), recebemos sempre em troca um sorriso de incredulidade. A resposta também é a mesma, de todos os sectores:—Verá amanhã o que vai suceder aos homens da Irlanda...

Afinal, vimos o que sucedeu, mas aos homens de Espanha! Os nossos vizinhos entraram em campo com a cabeça cheia de goals e uma ideia infinita de ataque. Lançaram-se a ele com denodo, desguarnecendo a defesa. Os irlandeses, logo nos primeiros ataques, deram o aviso:—Cautela!

Mas em toda a Espanha havia-se formado — não sabemos por que estranho fenómeno! — o conceito de que os irlandeses não valiam nada e os jogadores espanhóis partilhavam certamente desse conceito...

Era lá possível a Irlanda vencer! E o team de Espanha continuou a jogar alegremente ao ataque, não ligando a importância devida ao seu terreno de defesa.

Mesmo quando os espanhóis atacaram em massa, os seus adversários, bem organizados, nunca perderam o seu sítio na defesa e o devido sentido de ataque. Quando este se desenvolvia — era o pânico no conjunto de Espanha. Os folhas de trevo, em número de cinco, encontravam apenas na sua frente três unidades, um médio e dois defesas, e jogavam como queriam, dando-se a driblings de fantasia e a uma repetição de passes que deixava o adversário como que embriagado.

Os irlandeses — por fortuna para a Espanha! — somente não souberam realizar a jogada da morte. Uma demora estranha e persistente da bola nos pés (havia sempre mais um passo a dar, ou um toque a fazer, ou um jeito de melhor posição!) tirou-lhes uma vitória rotunda, que, aliás, não seria de justiça...

Os exemplos que nos foram dados pelos futebolistas da Inglaterra e da Irlanda, no capítulo do remate, não deixam de ser muito curiosos. Tínhamos como certo que a insuficiência do remate era uma característica bem portuguesa; diziam-no-lo a toda a hora e instante, de lições aprendidas em jornais, que os ingleses eram

rematadores fenomenais, e, afinal, verificámos, à luz da prática, a mais verdadeira de todas, que a jogada mortal, o lance em frente das redes, é o mais difícil para todos os jogadores de futebol, sejam eles portugueses, irlandeses, ingleses, ou mesmo espanhóis, o país dos goals como cathedrais, dos goals de bandeja e de bandeira, enfim, de uma variedade infinita de castas.

Quando no Estádio Metropolitano do Atlético Aviação sou o último apito do formal Wartburg — tinha-se dado a mais completa reviravolta que imaginar se pode no espírito dos espanhóis. De um momento para o outro, pela varinha mágica da sua vitória, os irlandeses, cá em baixo, subiram lá ao alto, e de jogadores vulgares passaram a ser as mil maravilhas deste mundo e do outro.

Era preciso explicar a derrota de qualquer maneira! E como os irlandeses tinham perdido em Lisboa, e como não se admite em Espanha a ideia da superioridade ou até da igualdade do jogo português, vá de lançar mão de vários recursos. Para isso, a cotação irlandesa subiu às estrelas (só uma equipa excepcional poderia ter vencido os famosos espanhóis, recolhidos em estégio e submetidos a uma preparação cuidada, com o treinador Moncho Encinas, um pouco cópia do que fazemos por cá!) e vieram a lume os já estafados argumentos do goal que, tendo entrado nas balizas, não foi validado, e da falta de sorte. Só não foi referido o argumento da inadaptação ao terreno, porque os espanhóis, na verdade, estavam acostumados à relva do Metropolitano...

Mas como era preciso adornar o quadro e dar-lhe tintas que atenuassem o tremendo choque sofrido pelo futebol espanhol, os nossos camaradas da vizinha nação não hesitaram em pôr na boca das pessoas as frases de sua imaginação, no objectivo evidente de ficar provado, e de uma vez para sempre, sem apelo nem agravo, que a Irlanda de Espanha tinha sido muito diferente daquela que se apresentara em Lisboa, apesar de os seus elementos serem os mesmíssimos jogadores. Publicaram-se, desta maneira, em todos os jornais, os depoimentos transcritos no último número desta Revista.

Apesar de tudo — tais são as provas dadas — o futebol português ganha prestígio, época a época, e os seus últimos triunfos colocam-no em plano de grande evidência. Alguns críticos espa-

nhois, poucos, é claro, prestam-lhe justiça. Julio Cueto, por exemplo, no jornal «Informaciones», escreve que tinha chamado a atenção para o perigo que representava a Irlanda. E diz em que se baseava, não tendo estado em Lisboa. E' que conhecemos português e o valor real do futebol português e o nível actual do futebol espanhol. E estamos convencidos de que se julgou os irlandeses através do espelho lusitano, sem reconhecer esta grande verdade: que Portugal joga muito.

A prova de que os irlandeses não podiam ter proferido as palavras que lhes foram atribuídas está nesta resposta simples que o capitão do team irlandês, já no aeroporto de Sacavém, de regresso ao seu país, vindo de Espanha, deu a um jornalista: *O grupo de Portugal é melhor do que Espanha.* E sabem os leitores onde fomos encontrar esta fase, escondida, na vulgaridade do noticiário? — No *Mundo Deportivo*, de Barcelona.

Desfeita a lenda das declarações em Espanha, não há dúvida que mais dia menos dia se há-de realizar o Portugal-Espanha, que compete primeiro ao Estádio Nacional do Jamor, e então se verá de que lado está actualmente a supremacia do jogo. Há duas épocas estivemos à beira do triunfo. Fizemos um empate em Lisboa e ficámos à beirinha da vitória; e perdemos na Corunha, não saindo diminuídos da luta. Pela primeira vez, em Espanha, jogamos taca-a-taco. No entanto, a estatística internacional é tão favorável aos nossos vizinhos, que eles poderão, sem se lhes levar muito a mal, até prova em contrário, continuar a enovar o hino da sua superioridade, allás, tão do seu agrado, e já glosado de mil e uma maneiras.

Haveria uma forma fácil dos espanhóis não perderem: — bastava que continuassem na directriz da época passada, não vindo a Portugal fazer o jogo para que se tinham comprometido. Não jogando — não se pode perder. Jogando, ganha-se e perde-se, e mal está quando nos convencemos exclusivamente da primeira hipótese.

Julgamos, no entanto, que a Federação Espanhola se orientará, na próxima temporada, de diferente maneira. Assim se depreende das palavras que tivemos o prazer de trocar com o sr. Rivero de Menezes, actual presidente de aquele Organismo.

Disse-nos ele que havia toda a conveniência em realizar um Por-

tugal-Espanha em cada época, e que os espanhóis viriam ao nosso país — como lhes cumpre. A Espanha está já a tratar, disse-nos, com muita atenção, do seu calendário internacional, que, possivelmente, no Congresso de Luxemburgo (porque aí se encontram os dirigentes de todo o mundo), sofrerá os últimos retoques. Acrescentando: — Mas temos já como ideias assentes e como base da nossa próxima época internacional dois encontros: o Espanha-Argentina e o Portugal-Espanha.

O sr. Rivero de Menezes, que é uma pessoa culta e insinuante, afirmou-nos ainda que virá brevemente a Portugal tratar com os dirigentes portugueses dos menores que se relacionam com o grande encontro peninsular, inclusive da data do jogo. Neste aspecto, tomámos a liberdade de lhe lembrar que o desafio devia efectuar-se numa altura em que o futebol dos dois países se encontrasse no cume, e não em data presumindo jogadores fora de forma. E devemos esclarecer que o conhecido dirigente espanhol concordou inteiramente com a nossa observação.

Mas não se iludam os portugueses, e não criem uma opinião errada sobre o futebol espanhol! Já no fim do Espanha-Irlanda, um grupo de portugueses, contagiado pelo momento, afirmava-nos que, presentemente, ganharíamos com facilidade aos nossos vizinhos. Ora, mantemos nós que semelhante opinião não tem base e peca por excessivo optimismo. Os espanhóis, mesmo pelo que vimos no Estádio Metropolitano, continuam a ser magníficos jogadores, e há nos seus imensos viveiros material humano abundante. Jogadores aos quais individualmente considerados, não se pode deixar de atribuir distinção. Mas os espanhóis têm o gosto da aventura, e sentem prazer em navegar sem bússola. Quem assim actua, e dadas as suas qualidades, tão depressa faz maravilhas como fracassa.

Por outro lado, levanta-se neste momento em Espanha o grito da disciplina do Jogo. Gilera, que actualmente dirige a *Marca*, está a dar o toque de rebate, e não tenhamos dúvidas sobre o assunto: o futebol espanhol encaminhar-se-á no bom sentido, sem destruir as suas características ricas. O desafio Portugal-Espanha será, portanto, como sempre tem sido, o desafio mais difícil para os portugueses.

Tavares da Silva

Vitórias de MANUEL GONÇALVES e EUGENIO COELHO

nas terceiras provas do Grande Prémio da Primavera

Os clubes que mantêm secções de ciclismo — Benfica, Iluminante, Sangalhos e Campo de Ourique — sob a coordenação deste último, promoveram no domingo a terceira série de provas que contam para a classificação final do Grande Prémio da Primavera. Desta vez o percurso escolhido — Lisboa-Sintra-Lisboa — com passagem por Caneças, Belas e Lourel, era difícil, muito difícil mesmo, sobretudo o da corrida de amadores, mas não tinha muitos troços de estrada má, se é que ainda se podia ter cortado a descida de D. Maria, há muito com piso pouco recomendável.

Em qualquer das provas — primeira etapa — disputadas em Sintra, lutou-se com vontade. Nos iniciados foram os homens do Benfica — sobretudo Eugénio Coelho e Humberto Canha — e o «leão» João Gonçalves, os elementos que mais se evidenciaram. Os «encarnados», a poucos quilómetros da partida, tinham três corredores isolados à frente apenas com o sportingista Gonçalves, prevendo-se logo a vitória colectiva dos benfiquistas, e aventando-se também o seu triunfo individual.

Hoive porém uma série de acidentes — como por exemplo a queda de Canha antes de Belas

e a avária das maddanças de Coelho, esta quando se disputava já a embalagem final, — que impossibilitaram a vitória dos «encarnados». Foi João Gonçalves que venceu, e com certo merecimento, seguido de Silvino Rodrigues, Miranda Soares e Carlos Conde.

Na tirada de regresso, o ouriquense Herculano Baptista desforrou-se da sua pouca sorte na etapa da manhã, chegando a Lisboa em primeiro lugar. O pequeno Humberto Canha foi o segundo, seguido de Xavier Gomes, Silvino Rodrigues, Fernando Simões e Eugénio Coelho.

Desta maneira, Eugénio Coe-

lho, que tinha sido creditado em Sintra com o mesmo tempo do primeiro e em Lisboa chegou à frente de João Gonçalves, ficando sendo o vencedor absoluto da prova, com o belo tempo de 2 h. 27.^m 4 s. para os 70 quilómetros das duas tiradas. Obteve assim o correcto estradista do Benfica o seu primeiro triunfo, a premiar a perseverança com que se prepara e o brio com que sempre actua.

Manuel Gonçalves, do Sangalhos, que é hoje o melhor amador do sul, — possante, a pedalar com muita facilidade e que não sente os efeitos de fadiga, que se adivinhavam em muitos dos homens que com ele correm, e que devem ser consequência de treinos mal orientados — foi o vencedor justo e normal da etapa de Sintra, ganhando também a corrida no conjunto. Tempo para os 108 quilómetros; 3 h. 8.^m 50 s. Impo-ndu am «passo» forte nas subidas para Belas, tarefa em que cooperou Lais Santos, Gonçalves ganhou como quis a primeira tirada. Na segunda, apenas saiu batido pelo «ligás» Santos, mas com igual tempo.

A classificação geral dos amadores — Gonçalves primeiro, seguido de Lais Santos, Oliveira

e Silva, Carlos Dias, Amândio Monteiro, António Marques e Alexandre Dias — traz de fielmente o comportamento dos concorrentes nas duas etapas, se é que alguns, tais como Marques e Domingos Jacinto, tivessem feito prova muito menos meritória na segunda que na primeira tirada.

O Sangalhos, embora por escassa vantagem, venceu por equipas em Sintra, reforçando esse triunfo na etapa de Lisboa, então já com apreciável avanço, sobre um Campo de Ourique a servir-se de elementos já cansados, que não podem sem dúvida dar o rendimento que a simpática colectividade necessita. E a Iluminante, com João Nunes doente, e a ter de contar com corredores, uns, sem poder nem possibilidades de progredir, e outros a fazerem do clube apenas entidade que lhes subsidia as suas despesas de ciclo-turistas caros, nada pôde fazer colectivamente.

Magnífica a recepção dispensada aos corredores pelo União Sintrense — um clube que luta sem desfalecimentos pelo progresso desportivo da sua terra, mas que por vezes é mal compreendido. — Gil Moreira

BOXE

LARSEN ganha por pontos a HITA

na sessão do Estádio Mayer

JORGE LARSEN, campeão de Portugal da categoria dos meio-médios, confirmou na noite de sexta-feira a sua superioridade física e o poder do seu estilo prudente, ganhando, por pontos, ao pugilista espanhol Mariano Hita.

Vitória folgada e mais concludente do que aquela conseguida por Beni Levi no combate do Coliseu dos Recreios, evidenciou também maior espírito agressivo por parte do português. A circunstância de Mariano Hita ser, quando muito, um jogador com 64 quilos de peso normal, em contraste com os 66,400 que registou na pesagem oficial, deixa em aberto a resposta ao inquérito sobre a verdadeira classe do moçambicano.

Larsen encara a profissão com muita seriedade e tem procurado escalar os degraus sucessivos da sua carreira por merec de esforço. No entanto, como campeão nacional que é, parece-nos preferível enfrentar os jogadores da sua categoria, como Ben Buckner, por exemplo, a lutar contra adversários de menor cartaz.

Hita defendeu-se com brio, mas continua dando mostras de não saber cobrir a cabeça, guardando mal a linha alta e esquivando rudimentarmente os golpes. Como Larsen tem maior poder físico, o espanhol acusou alguns socos e terminou o encontro bastante marcado no rosto e sangrando.

Vitória justa do campeão português.

O combate entre Guilherme Martins e Jesus Martos concluiu ao terceiro assalto por desistência do jogador espanhol. Anote-se a marcada diferença de pesos entre ambos: 62,200 kg. ao primeiro e 57,100 kg. ao segundo, o suficiente para recasar previamente o encontro. Apesar disso, e, segundo se diz, porque Guilherme Martins sabia ao «ring» em más condições de saúde (circunstância que a inspecção médica decerto avaliou...) Martos estava lutando em igualdade no momento da desistência.

O combate entre Claudino Correia e Joaquim Diaz, com 57,300 kg. foi favorável ao espanhol, que recebeu justamente a decisão. As qualidades combativas de Correia conquistaram já o favor popular e por tal motivo a assistência, ou, melhor, parte dela, protestou contra o resultado. O combate inicial, entre António Branco e António Augusto, foi pouco agradável de presenciar. Branco tem muito maior prática de «ring» que o adversário. Ausente durante muito tempo das lides pugilísticas, António Augusto mostrou-se fãlho de técnica e os seus golpes careceram de segurança.

A vitória de Branco, sem brilhantismo, foi justa.

Rafael Barradas

JOÃO REBELO

começa no sábado a disputar a Volta à Suíça

O sportingista João Rebelo, que é já o estradista português de todos os tempos o que mais tem viajado para correr, — acedendo a convites — e isto porque Trindade, José Marquez, Manuel de Sousa e Aguiar da Canha foram ao Brasil e o primeiro ainda a França, por iniciativa própria, o mesmo sucedendo a José Bento Pessoa e Manuel Ferreira — partia na sexta-feira para a Suíça. Ai começará no próximo sábado a disputar a volta àquele país. É sem dúvida tarefa difícil a do nosso compatriota. Ele vai alinhar numa prova bastante difícil, curta de duração — apenas oito dias — agindo isolado, em percursos que desconhece e lutando com adversários de reconhecido valor. No entanto, sem que possam esperar-se resultados identicos aos obtidos na Volta a Espanha de 1945 ou no Campeonato da Catalonha, julgamos normal contar-se que Rebelo li-que entre os primeiros quinze classificados.

As etapas da Volta à Suíça, cuja distância total é de 1832

quilómetros, são muito difíceis, porque, exceptuando uma meia tirada de 105 quilómetros a disputar no terceiro dia, todas possuem altíssimas serras, que é necessário transpor e onde se fará a classificação para o Prémio da Montanha. A maior das etapas é a segunda, Basleia-Morges, 270 quilómetros, e a mais curta de Morat a Berna, 105 quilómetros, a disputar no mesmo dia da tirada Morges-Morat, de 145 quilómetros.

Rebelo terá como ponto de referência a actuação dos corredores espanhóis Berrendero, Dello, Langarica, Trabela, Olmos e Gual. Mas até desta relativa ajuda não poderá o português tirar todo o proveito, porque os espanhóis — todos ratas sábias do seu ofício — vão trabalhar para o monte, e por isso não lhes deve convir muito ter estranhos a actuar com eles em conjunto. Confiamos todavia no brio do nosso representante, e sobretudo na vontade que ele terá de demonstrar que não era desproporcionado a sua deslocação.

A segunda jornada das Regionais de ATLETISMO



A equipa de 4x400 do Sporting, que bateu o «record» nacional na última jornada: Canhão, José Vicente, João Jacinto e Artur Dias



João Vieira, do Sporting, salta 6,74 em comprimento



Manuel Nâncio, na chegada dos 200 metros

Matos Fernandes, do Benfica, vai bater o «record» nacional dos 400 metros barreiras



Uma passagem da corrida de léguas



Agradou-me bastante mais a segunda jornada dos Campeonatos Regionais do que a precedente; condições atmosféricas francamente favoráveis, resultados gerais agradáveis, público muito numeroso e animado de excelente espírito desportivo, organização quase perfeita (só peço um ponto porque motivo não foi colocada no círculo de lançamento do peso a antepara regulamentar) e ambiente mais entusiástico do que no Estádio Nacional, onde os espectadores ficam demasiado afastados dos locais de competição, sem que do facto se possam tirar outras conclusões que não sejam as naturais nas grandes arenas desportivas. É um problema de hábito.

Embora tivessem ficado para disputar em jornada especial, depois do encontro Espanha-Portugal, as estafetas 4x200 m., 4x800 m. e 4x1500 m., pode dizer-se sem grande risco que o Sporting Clube de Portugal é o campeão colectivo, pois com 11 pontos de avanço sobre o seu grande rival Sport Lisboa e Benfica lhe bastam os tres segundos lugares, dando como possível uma triplice vitória benfiquista, para consagrar a sua vitória.

A luta entre os dois grandes núcleos lisboenses foi renhida e incerta definindo-se apenas na penúltima prova do programa, o lançamento de disco, onde os sportinguistas lograram instalar-se em todos os melhores lugares.

Para elucidação dos nossos leitores vamos dar a pontuação final dos dois clubes e a forma como cada um a somou em lugares conquistados:

Sporting — 167 pontos (7 primeiros, 13 segundos, 8 terceiros, 8 quartos, 6 quintos lugares).

Benfica — 156 pontos (10 primeiros, 6 segundos, 9 terceiros, 6 quartos e 5 quintos lugares).

O Benfica classificou homens em todas as provas e apançou todos os pontos nos 110 m. barreiras e no salto à vara, que foram — claro — as únicas provas onde o Sporting não contou pontos.

A grande figura do torneio foi Fernando Matos Fernandes, que se apresentou em excelente forma física: 1,95 m. de altura; 51 s. nos 400 metros, bela colaboração nos 100 m. da estafeta; 6^m.635 em comprimento e, muito principalmente, 55,1 s. nos 400 m. com barreiras, são marcas que só estão ao alcance de um atleta de grande classe. Que lástima, não se facultar agora a Matos Fernandes a possibilidade de uma tentativa no decalto, com a garantia de um resultado de categoria europeia.

Estas, sim, são marcas envidescíveis, sem a mínima dúvida quanto à sua regularidade regulamentar.

Volta-nos à memória, a propósito do discutido tempo de 10,5 s., atribuído a Paquete na corrida de 100 metros.

Incondicionalmente rendemos homenagem à excepcional prova do simpático corredor benfiquense; mas fazendo coro com todos os críticos honestos da especialidade que nos antecederam no comentário ao facto temos de reconhecer que as condições de vento soprando fortíssimo pelas costas — e não de lado como houve quem afirmasse — não permitem que se enfrente a possibilidade de uma homologação que seria um atentado à verdade do atletismo português.

Se os recursos actuais do nosso campeão de Lisboa lhe permitem tais tempos, esperamos confirmação em condições legais e deixemo-nos de parangonas auto-reclamantes, que fazem sorrir e não convencem ninguém.

(Continua na página 15)



OS Campeonatos Nacionais de Remo foram disputados com brilhantismo

Disputaram-se na linda albufeira do Ermal, no último domingo, os campeonatos nacionais de remo, que se concluíram com uma excelente vitória das equipas de 4 e de 8 do Sporting Clube Caminhense, que se veem ao alto desta página. Ao meio, as tripulações do S. C. Porto, ao centro, Caminhense no 1.º plano e Associação Naval de Lisboa, depois da chegada. Em baixo, à esquerda o "skiff" da Associação Naval de Lisboa, e à direita "o dois de ponta" do Sport Clube do Porto



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA da semana

NA sua última e recentíssima sessão municipal o Ayuntamiento da cidade galega La Coruña resolveu conceder uma subvenção de 50.000 pesetas com o fim de se organizarem os próximos campeonatos espanhóis de natação.

Levados pelo natural entusiasmo que a cruzada desportiva, insensivelmente, faz germinar no espírito do homem moderno, alguns edis apresentaram em seguida uma proposta de maior amplitude e importância. Trata-se, nada menos, de empregar grande parte das receitas orçamentais do ano transacto e que excederam as despesas em milhão e meio de pesetas, no pagamento das obras terminais do Estádio Municipal, em particular as do Frontão de Pelota Vasca e as dos terrenos de lenha.

Não diz a notícia onde colhem estas informações se a Municipalidade de La Coruña, ao considerar a proposta, deferiu ou indeferiu os desejos dos proponentes. É muito possível que, por motivos de carácter administrativo e financeiro, paralelos às de muitos países, o assunto deva remeter-se a entidades superiores, com maior latitude de poderes e soberania.

O que desde já se põe em evidência, com magnífico deslumbramento, é a generosa atitude dos edis corunhenses e o seu forte sentido das vantagens do desporto, encarando-o não como simples passatempo e fonte de espectáculos mais ou menos atraentes, mas como fundamento primordial de uma sólida sociedade futura.

R. B.

NÁUTICA

O recorde de velocidade no mar

APESAR dos seus 61 anos, o piloto de automóvel, Sir Malcolm Campbell, vai tentar melhorar o recorde de velocidade em canoa, utilizando um barco propulsado por jacto.

O casco do antigo *Pássaro Azul II*, que em Agosto de 1939 navegou a 228,010 km. à hora, em Coniston Water, terá uma turbina semelhante à dos aviões *Gloster-Meteor*, em substituição dos motores *Rolls-Royce*, a gasolina, com que esteve equipado.

Ignora-se ainda a cifra que o destemido velocista inglês tentará atingir, mas supõe-se ser vizinho de 300 km. à hora. O recorde actual pertence a Campbell.

FUTEBOL

Passarin, treinador do Valência F. C.

O presidente do Valência F. C. confirmou que adquiriu os serviços do antigo seleccionador nacional, Luis Passarin, como treinador do famoso clube levantino.

Um conflito entre clubes na Argentina

DOIS clubes de grande categoria, o Racing Clube e o River Plate, ambos de Buenos Aires, encontram-se em conflito aberto por causa da aquisição de um jogador recentemente regressado do México.

Trata-se de José Maria Moreno, cujos serviços para a próxima época foram adjudicados ao Racing. O River Plate, insatisfeito com a decisão final do caso, apela para os tribunais, exigindo que se averigue o modo como o

clube concorrente obteve os serviços de Moreno.

Diz-se que as acusações formuladas são tão graves que a Federação Argentina de Futebol está disposta a irradiar o jogador, se, no inquérito que corre, ficar provada a sua culpa.

O River Plate também exige que o Racing seja multado pelo facto de ter incluído o referido jogador no seu elenco. Em contrapartida, a direcção do clube em causa cortou relações desportivas com o River Plate, por considerar ofensiva a atitude assumida por este clube.

Em resumo: mais outro exemplo de facciosismo e intolerância futebolística a juntar a outros muito conhecidos, nacionais e do estrangeiro.

A nova época de futebol em Espanha

COMEÇOU já em muitos pontos de Espanha a renovação das inscrições dos jogadores de futebol. Nesta data, todos os *ases* da temporada precedente já assinaram compromissos para 1946/47. Em Barcelona, igualmente, não se registaram defecções no clube que leva o nome da cidade condal.

As únicas baixas registadas no Español são as de Carretero (ponta) e Barnés (avancado-centro). O jogador Domingo, de Gijón, passará para o Oviedo; Salas e Jaro, do Hércules de Alicante, vão para o Celta de Vigo, e a crise da Direcção do Coruña parece estar definitivamente aplanada.

Um desafio de beneficência

A Associação Inglesa de Futebol anunciou que, no dia 24 de Agosto próximo, se jogará um desafio internacional entre os grupos representativos da Inglaterra e da Escócia, cujo produto se destina a auxiliar as famílias das vítimas da catástrofe sucedida alguns meses atrás no Campo do Bolton Wanderers.

... e outro em Espanha

O Barcelona F. C. encerrou a sua temporada jogando contra o Atlético Aviación no sábado findo, em Reus, e contra o Espanhol, no campo de Las Cortes, no domingo, em benefício dos sinistrados das inundações de Múrcia.

O combate entre Conn e Woodcock

NOS meios pugilísticos ingleses fala-se com insistência num próximo combate entre Billy Conn, recente adversário de Joe Louis, e Bruce Woodcock, no caso deste último conseguir derrotar a 17 de Setembro o americano Gus Lesnevich.

O empresário Jack Salomon pensa em efectuar a luta ao ar livre, possivelmente no Estádio de Wembley, e declarou que, no caso de vitória do inglês, organizará em Londres um combate entre Woodcock e Joe Louis.

CICLISMO

O circuito de Irun

REALIZOU-SE em Irun o primeiro circuito ciclista desta cidade fronteiriça, cujo percurso mede 150 quilómetros accidentados. Na primeira metade da prova salientou-se Vidaurreta, que se destacou do pelotão, atingindo média horária superior a 33 quilómetros.

Na segunda metade, Langarica, ajudado por Pascual, caçou o fugitivo, estabelecendo-se entre os três velocistas um grande duelo até à linha de chegada.

A classificação final foi a seguinte: 1.º, Langarica, em 4 h. 50m.; 2.º, Vidaurreta, a meio comprimento; 3.º, Pascual, a 1 comprimento.

Berrendero, um dos favoritos mais cotados, ficou em 7.º lugar por motivo de avarias nos pneumáticos.

ATLETISMO

Os Campeonatos Regionais de Espanha

REALIZARAM-SE os campeonatos regionais espanhóis de atletismo, sem que os resultados obtidos sejam dignos de menção. O de Castela, mercê do concurso de alguns atletas universitários, como Torres, Lafuente, Vallhonrat, Petinto, etc., destacou-se dos restantes, incluindo os campeonatos da Catalunha.

A vitória de Macias na final de 800 metros, no bom tempo de 1 minuto 59,4 segundos, a um peito de vantagem sobre Petinto, constituiu imprevista surpresa.

Torres ganhou os lançamentos de peso e disco, respectivamente com 12,88 e 38,69 metros.

Wallhonrat cobriu 6,85 metros em comprimento e Petinto fez 52,4 segundos nos 400 metros.

A légua foi ganha por Macias no tempo regular de 15^m 55,2^s, mas, em Barcelona, Rojo fez melhor marca com 15^m e 20^s. Também, na Cidade Condal, o jovem saltador Cano transpôs à vara 3,42 metros.

Os restantes resultados foram demasiado modestos para merecerem citação especial.

Novo recorde de 300 jardas

HERBERT MC KENLEY, o brilhante atleta das Antilhas Britânicas, que ainda há poucas semanas batera o recorde mundial das 440 jardas planas (402 metros e meio), no tempo de 46,2 segundos, cobriu recentemente 300 jardas, em Nova York, fazendo 29,8 segundos, ou sejam menos quatro décimos que o recorde precedente.

NATAÇÃO

Novo recorde mundial

DURANTE o torneio realizado entre as universidades de Yale e de Havana, na capital da ilha de Cuba, um jovem nadador

americano chamado Jimmy Mc Lane melhorou o tempo recorde mundial da distância de 800 metros (estilo livre), fazendo 9 minutos, 44,2 segundos.

Competições Internacionais

Jogadores, Dirigentes e o Seleccionador Nacional louvados pelo sr. Director Geral dos Desportos

E' do seguinte teor o louvor lornado publico pela Direcção Geral dos Desportos aos dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol, Jogadores e Seleccionador Nacional, a propósito do comportamento da equipa portuguesa nos desafios internacionais disputados esta época.

Na sua simplicidade — o louvor vale como homenagem e como estímulo:

«Terminada a época das competições internacionais de futebol, durante a qual o grupo representativo português alcançou resultados que dignificam e prestigiam o desporto nacional, dando provas de brio, dedicação, entusiasmo e espirito de sacrificio, no que muito influuiu a acção orientadora e dirigente do seleccionador, seus colaboradores e dos directores federativos, louvo: — todos os jogadores que participaram nos jogos internacionais de 1946, pelos seus esforços e nitida compreensão das responsabilidades que lhes competiam, contribuindo assim para o brilhantismo que o futebol português alcançou na época finda, vencendo adversários de comprovada classe e sem conhecer uma única derrota: o seleccionador nacional e os seus dedicados colaboradores na obra de preparação física e técnica do grupo nacional, pela dedicação e competência reveladas no exercicio das funções respectivas; por fim a Federação Portuguesa de Futebol pelo trabalho desenvolvido com elevada compreensão das necessidades do desporto nacional e pela acção estimulante e disciplinadora que desenvolveu e cujas consequências ficam bem patentes nos êxitos obtidos.»

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

Política da relva

Se a IRLANDA vencer a ESPANHA...

NÃO sabemos o que haverá de verdadeiro ou de falso na notícia, mas consta-nos que o Sporting e o Benfica vão arrelvar — [finalmente] — os seus campos. A questão arrelva-se numa moleza espartosa. Todas as épocas se diz que para a próxima época tornar-se-á obrigatório o arrelvamento. Vem o defeso. O assunto esquece! E quando os jogadores voltam a dar pontapés, encontrem tudo no mesmo, os mesmos campos de terra batida, desoladores, inquietantes...

Não vale apenas insistir em aquilo que o arrelvamento dos terrenos de futebol representa para o jogo. Importa vincar apenas, de momento, que a relva prolonga a vida do jogador, enquanto que o terreno duro lhe encurta, para significar que os clubes deviam inscrever, como primeira das suas preocupações, esta premente necessidade.

Dois principais razões, pelo menos, para os dois maiores clubes portugueses têm sido apresentadas como suficientemente fortes para provocarem a calvicie do Campo Grande e do lumiar: não se tratar de instalações definitivas (tal inconveniente parece ter desaparecido no que se refere ao Sporting) e custo relativamente elevado do empreendimento.

Diremos a isso, não alargando as razões que se podiam opor, que vale a pena correr o risco — pois enquanto se estiver em instalações provisórias, jogar-se-á em terreno relvado. Acrescentaremos que o custo da relva é perfeitamente portátil, e a prova é que clubes mais modestos conseguem suportar o encargo. — Com sacrificio? — Talvez. Mas a verdade é que os associados destes duas grandes instituições do desporto português nunca deixaram de corresponder a qualquer solicitação clubista. Mas nem tal é preciso. A Federação Portuguesa não deixará igualmente, como sempre tem feito, de auxiliar o arrelvamento, já que se encontra em condições, segundo o julgamos, de o poder fazer.

Enquanto não se encarar a sério a política da relva, não progrediremos, em futebol, como podíamos e todos desejamos. A verdade é que só nos lembramos de Santa Bárbara quando tropeja! Porque o problema é de ordem geral. Os campos relvados têm de se estender a todo o país, sendo obrigatório, como ponto de partida de grande cruzada, para os clubes da Primeira Divisão. De quando em vez, um clube e toda uma população, num esforço que lhes sai da carne, conseguem construir um campo, e dá-nos tristeza ver que esses campos nascem horrorosamente calvos. Podia tirar-se alguma coisa à sua grandeza e introduzir-lhe o melhoramento da relva. Mas todos pensam em primeiro lugar no público e no rendimento, e todos se esquecem dos jogadores que, durante nove meses, todos os domingos, estão condenados à grilheta do campo duro.

E' ouvir os jogadores, no seu testemunho vivo! Que os ouça atentamente quem quiser compreender a diferença que é jogar na terra ou na relva. Talvez que as suas palavras convençam mais os dirigentes do que as nossas.

Se a Irlanda vencer a Espanha ofereço um almoço aos meus amigos — eis uma promessa feita por Xico Oliveira, conhecido adepto do Benfica, na roda íntima do seu convívio do dia-a-dia. Na verdade, a Irlanda venceu, e Xico Oliveira organizou um excelente almoço na «Estalagem do Bom Pastor», entre Sintra e Cascais, uma iniciativa que tem a marca do bom gosto de José Lopes da Silva. Foi na semana passada...

Tomaram parte no almoço as seguintes pessoas: Xico Oliveira, eng. Virgílio Costa, dr. Luis Viana de Carvalho, dr. João Baptista da Silva, José Manuel Alves do Rio, Pedro Teles, António Nogueira, Mário Conceição, o treinador Augusto Silva, os jogadores Alvaro Cardoso, Francisco Ferreira e Mariano Amaro, e o nosso prezado chefe da Redacção.

Passaram-se, sem se dar por isso, algumas horas de excelente camaradagem e de franca amizade. Sucederam-se os ditos de espirito e cada um dos convivas contribuiu para que o ambiente mantivesse a necessária temperatura de boa disposição.

Ao contrário do que geralmente sucede — não houve discursos. Todos tinham dito durante a refeição o que tinham a dizer... Porque se falou de tudo — menos da bola. E eis mais um atractivo deste belo almoço promovido por Xico Oliveira.

Há resposta para tudo...

P. 409 — O resultado obtido pela Irlanda contra a Espanha não será a prova provada de que jogamos mais, actualmente, do que os espanhóis?

P. 410 — Não acha que, caso jogássemos agora contra a Espanha, conseguiríamos dar a tão desejada cabazada por que o futebol português há muito anseia? (De Um adepto que gostava de ganhar à Espanha).

R. 409 — É mais uma prova, a juntar a outras, que depois favoravelmente sobre o futebol português. Actualmente, é nosso convencimento de que os portugueses jogam mais do que os espanhóis.

R. 410 — Não devemos ir tão longe. Porquê, uma cabazada? Apesar de terem sido derrotados pela Irlanda, os espanhóis devem ser tidos, para nós, portugueses,

como adversários de mérito. São excelentes jogadores, sem dúvida alguma. Contemmo-nos em ganhar... que já não é pouco!

P. 411 — No desafio Espanha-Irlanda deu-se uma substituição semelhante à de Lisboa e que tanta celeuma provocou. Isso influuiu no desafio? (De Um «leão» justo).

R. 411 — Antes de acabar o primeiro tempo, tal qual como no Jamor, o seleccionador espanhol, Luiz Passarin, trocou Martim por Zarra. O publico pediu essa substituição em altos gritos, e o seleccionador desceu. A critica salientou que semelhante substituição contribuiu para a derrota. Em Lisboa, o caso foi diferente. Como sabe — ganhámos...

UMA ANEDOCTA

O Estádio Montjuich registou, no Espanha-Irlanda, uma enchente total. Antes do encontro, o ambiente era francamente optimista, e o desafio prestava-se admiravelmente para uma grande festa da raça.

Os espanhóis, como é natural, começaram por aplaudir sem reservas os seus representantes, inculindo-lhes fé e confiança.

... E veio o goal da Irlanda! Os 60.000 espectadores, ainda tranquilos, receberam a bola com frieza. Então, um português, que, nas bancadas centrais, seguia interessadamente a luta, deu palmas.

Ao seu lado, dois espanhóis acometeram-no, admirados:

— V. quer que ganhe a Irlanda?
— Quero, sim senhor.
— Porquê?
— Porque sou português!

Corre que...

A organização dos campeonatos portugueses não sofrerá na próxima época qualquer alteração.

♦♦ O alargamento da Primeira Divisão também parece pouco provável...

♦♦ Como representante da Federação Portuguesa na Festa de despedida do Pinga, deslocou-se ao Porto o sr. José Trigo, secretário permanente daquele organismo.

♦♦ Além dos «presentes» dos clubes, os jogadores internacionais que compareceram na Festa do Pinga quotizaram-se para lhe oferecerem uma prenda.

♦♦ É quase certo que a Federação Portuguesa se fará representar no Congresso de Luxemburgo, que se effectua em fins do corrente mês.

♦♦ O Sporting já tem um treinador inglês, mas Cândido de Oliveira ficará como orientador técnico.



(Do nosso enviado especial)



A direcção do F. C. Porto, o seu antigo jogador e Alvaro Cardoso



Uma fase do jogo Selecção-F. C. Porto



O sr. Governador Civil, colocando uma dobra na bandeira do F. C. P. no peito de Pinga, dá um viva ao grande atleta

desportista, atravessando esta vida de desporto com o melhor desejo de comportamento, quer quando evertge a camisola do meu clube ou simplesmente cá fora, na vida profissional. Posso servir de exemplo? Se me disserem que sim mais contente ficarei. Que, quanto a mim, digão-lhe com franqueza: sinto-me perfeitamente de consciência.

Recordões? Quantos não terá o Artur, nestes tantos anos de vida desportiva, com 22 jogos internacionais em Portugal e no estrangeiro... O leitor recorda-se de algum facto? Recorde-o para si. Ele tem tantos, sob vários aspectos, que melhor é cada um de nós guardar o que mais nos impressionou.

A ele, ao idolo, falamos-lhe naquele trio — os tres diabos do meio dia. O F. C. Porto jogou um dia, contra certo «team» estrangeiro, à hora do almoço, por conveniência da organização. Valdemar-Acácio-Pinga maravilharam o público, destroçando o adversário austriaco, ganhando-lhe. Diabólicos aqueles internacionais do F. C. Porto! A bola brincava entre os três, de campo a campo e logo um colega nosso, então vivendo no Porto e hoje em Lisboa, sentenciou: «Os tres diabos do Meio Dia!»

— Foi um grande tempo da minha vida desportiva — disse Artur. O que nós fizemos! Era eu o Valdemar Mota e o falecido Acácio Mesquita. Foi o Rodrigues Teles, um amigo e um jornalista dos melhores, que nos baptizou com esse título. E nós recebemo-lo com alegria. Aquilo é que era jogar! Que me desculpem a validade mas parece-me que nunca mais se arranjam assim tres rapazes da bola, tão intimamente ligados a acertarem «na borracha». Se até nós, às vezes, nem sabíamos como aquilo era...

— Jogava-se melhor nesse tempo? Artur de Sousa ficou por momentos calado. Depois: — Parece-me que se jogou de outra maneira. Eu mesmo penso nisso muitas vezes.

Mudou-se de técnica, integramo-nos noutros sistemas. O que há é mais entusiasmo. Que pena muitas destas 60 mil pessoas que hoje assistem aos jogos não terem visto o futebol desses tempos...

— Dos jogadores antigos quem o impressionou melhor? — Muitos. Carlos Alves, Augusto Silva, João da Cruz, Vítor Silva, Pepe... agradarem-me tantos!

— Dos de hoje? — Aprecio muito Azevedo, Amaro, o Francisco Ferreira, José Pedro, Rogério; mas aprecio ainda mais, em todos esses companheiros espalhados pelos clubes portugueses, a sua camaradagem e amizade com que me tem distinguido.

— O seu clube e o seu público? — Deixam-me saudades imensas e isto traduz muito.

Continuamos atravessando as ruas do Porto e sempre, constantemente, os olhares curiosos de um admirador e a saudação de um amigo. Um galato de olhos vivos, virando as costas à Torre dos Clérigos gritou:

— «Olha o Pinga! Eh! grande Artur!» — O Artur ainda se sentia com forças para continuar a jogar a bola?

— Ainda. Mas é a altura própria, o melhor momento. Amanhã seria tarde? Talvez. Quanto a mim é chegado o momento.

— Mas fica ligado ao futebol? — Tinha que ser. Era-me impossível só voltar aos campos de jogo misturado, simplesmente, com a multidão. Serei o treinador dos grupos de Santo Tirso. Assim ainda ficarei mais ou menos ligado ao futebol. Sair, abandonar o futebol, não posso...

Havíamos chegado ao Emissor Regional do Norte, onde Artur de Sousa ia ser entrevistado. Quando saímos da sala de espera, depois de darmos ao famoso Pinga o abraço de saudação da Stadium, nos corredores da Emissora acendiam-se uns dísticos: «No Ar». Era o aviso de que o grande jogador do futebol nacional estava a ser escutado em todo o país. «No ar», a sua voz estava recordando os grandes momentos de um jogador da bola. Era o adeus saudosos à sua cidade adoptiva, ao país que o aplaudiu.

Artur de Sousa, o popular e grande jogador que milhares de pessoas viram pela última vez no campo do Lima, deveria ter outros milhares a aplaudi-lo em Lisboa. Sim. O Artur de Sousa não pode deixar a bola sem que nós, os de Lisboa, lhe digamos com entusiasmo: Obrigado Pinga, pela beleza do teu futebol e pelos teus exemplos de atleta dedicado e brioso!

Fernando Sá

A DESPEDIDA de UM GRANDE JOGADOR! ARTUR de SOUSA



O momento decisivo da retirada. Gomes da Costa, que depois ocupou o lugar de Artur de Sousa, acompanha-o à saída do campo



O presidente da A. F. Porto entrega a Pinga uma salva de prata



Abracos de antigos internacionais



A valorosa equipa formada por alguns dos melhores internacionais que tomou parte na festa de Artur de Sousa, que se vê entre eles



Um abraço emocionante: — o de Carlos Pereira, antigo colega do Fanchal e do F. C. Porto



Lopes Martins, um veterano do F. C. Porto, abre a parada, com o estandarte do clube

CHORAVA-SE de emoção quando Artur Sousa, lágrimas nos olhos, verdadeiramente submerso em presença da manifestação apoteótica que lhe foi feita pelos desportistas do Porto — abandonou o Estádio do Lima, após 15 minutos de jogo, enquadado na equipa do seu glorioso clube. Ninguém resistiu. Não tinha adversários, o grande jogador, e no domingo todos lhe demonstraram a sua estima, vitorioso-o de tal maneira que na hora exacta do seu abandono viu-se Artur Sousa verdadeiramente esmagado, sem conseguir falar para agradecer, sem forças para retirar do campo.

Foram muitos os motivos que contribuíram para a emoção verificada dentro e fora do terreno. Os atletas portuenses, mais de 200, reuniram-se em parada e vitoriam Artur de Sousa. Em guarda de honra, nomes admiráveis de outras épocas: Valdemar Mota, também 22 vezes internacional, olímpico de Amsterdam, Avelino Martins e Carlos Nunes, o «velhíssimo» Siska e Carlos Mesquita, que substituiu muitas vezes seu irmão Acácio, ao lado de Pinga, formavam na vanguarda. Também esteve Carlos Pereira, antigo jogador do F. C. do Porto, antigo colega de Pinga na equipa dos campeões do Norte e na linha nacional.

Artur recebeu muitas prendas, as mais variadas recordações. A Federação Portuguesa de Futebol conferiu-lhe a sua primeira medalha de ouro. O Futebol Clube do Porto, a agremiação que «etripitizou», entregou-lhe uma excelente salva de prata, a Associação de Futebol, uma prenda valiosa.

A equipa que jogou contra o F. C. P., pela mão do grande internacional Azevedo, também ofereceu a Pinga uma recordação, como Carlos Pereira, como tantas pessoas, algumas anónimas. Senhoras gentis, cobriram-no de flores.

O sr. governador civil do Porto, coronel Joviano Lopes, Câmara Municipal, Direcção Geral dos Desportos, representada pelo sr. Mário de Carvalho, o dr. Cesário Brito, presidente do F. C. P., Alberto Brito, presidente da A. F. P., foram ao terreno abraçar o grande jogador. E quando este deu a volta ao campo, o espectáculo teve o seu quê de belo, de infinitamente grandioso. Todo o público, de pé, galvanizado, lhe acenava com lenços, gritando o seu nome, embora as gargantas estivessem abafadas por soluços!

O bom povo do Porto, baírrista, tinha por Artur de Sousa uma adoração enorme. A todos bateu em popularidade, e os 16 anos de convivência com a sua gente fizeram dele um «portuense adoptivo». E ali continuará a sua vida, que oxalá seja isenta de dificuldades no futuro. Artur Sousa, inteligente como é, pode olhá-la com optimismo, desde que torne para si indispensáveis cuidados.

Depois das cerimónias relacionadas com a despedida, — efectuou-se o jogo F. C. Porto-Seleção. Tratava-se de um «motivo», mas o jogo não desagradou, a despeito de haver-se efectuado num dia de calor extraordinário.

Os grupos alinhavam com a seguinte composição: F. C. do Porto — Barrigães; Camilo e Guilhar; Anjos, Romão e Alfredo; Lourenço, Araujo, Correia Dias, Artur de Sousa (Pinga) durante 15 minutos — depois Freitas e Gomes da Costa e Catolino.

Seleção — Azevedo (depois Valongo); Cardoso e Feliciano; Amaro, Francisco Ferreira e Serafim; Espírito Santo, dr. Alberto Gomes (depois Massano), Peyroteo, José Pedro e João Cruz.

Os seleccionados venceram por 5-4 (quatro tentos de Peyroteo...) mas o F. C. P. principiou com decisão e chegou a 2-0. No conjunto da partida, porem, o grupo adversário dos portuenses esteve superior, sendo satisfatória a exibição de Peyroteo, Cardoso e Feliciano, Francisco Ferreira e Amaro. No F. C. P. — a defesa, Araujo e Romão.

Antes deste encontro, que foi dirigido por Domingos Miranda, o Boavista ganhou ao Salgueiros por 1-0.

46 "goals" sem resposta

marcou o Paço de Arcos

em cinco desafios seguidos no Campeonato de Lisboa...

PELA Invulgaridade (isto não é normal), o caso merece apontamento, pois, conforme o título indica, o Paço de Arcos, campeão de Portugal de hoquei em patins, acaba de conquistar um excelente recorde.

Já não é muito vulgar uma equipa — seja de que modalidade desportiva for — vencer cinco desafios consecutivos sem consentir que as suas redes sejam «tocadas» uma vez sequer, mas, ainda por cima, marcar 46 goals...

A média, vejam bem, de quase dez por cada partida disputada! É realmente bonita — não lhes parece? — esta façanha, difícilíssima de igualar, de simpática colectividade da linha de Cascalos.

Quer dizer: o Paço de Arcos — que tem, no conjunto dos nove desafios efectuados para o campeonato de Lisboa, 74 goals contra 6 — ainda fez mais: marcou, em cinco encontros, 46 goals... e não sofreu um sequer! É impossível exigir-se mais de uma equipa.

Isto reflecte claramente o seu valor, a sua superioridade em relação aos restantes concorrentes, a capacidade da sua defesa e o poder de realização do seu ataque. Mas é que o Paço de Arcos (em «forma» bastante apurada) pode considerar-se o melhor team português de hoquei. Sem dúvidas — e sem discussão...

Nesses cinco encontros em que o recorde foi estabelecido, figuram: Benfica, 9-0; Académica, 10-0; Ateneu, 13-0; Usgás, 3-0; Campo de Ourique, 11-0.

Em contraste, o Futebol Benfica, vencedor em 1945 — e já pode ter como certo que perdeu o título — em três últimos encontros, também seguidos, registou igual número de derrotas: Académica, 0-2; Sporting de Oeiras, 5-7; Hoquei de Sintra, 2-7. De onde se infere que a diferença é grande — entre o campeão e o seu sucedâneo — com pronunciado desnível de valores globais das equipas em causa; individualmente, porém, a vantagem também pendia um pouquinho para os campeões nacionais...

Se os Irmãos Serpas são bons atletas e estílo firmes do grupo benfiquista — os campeões de Portugal têm, nos primos Correias, a melhor réplica. E os outros? Emílio, Henriques e Gomes também são superiores a, respectivamente, Neto, Curvelo e Carlos Alberto ou Selixas, — talvez com seu quê de quase igualdade entre os últimos citados: Gomes, Carlos Alberto e Selixas.

A primeira volta do campeonato de Lisboa concluiu-se no domingo com jogos em Sintra. Mas não houve interrupções (nem sequer mutação de cena...) — porque no dia seguinte, ou seja no entanto, deu-se começo à segunda volta! Haverá desafios quase todas as noites.

Até, pelo menos, 18 de Agosto. Não será demais?

Exigir tamanho esforço dos jogadores pode ser contraproducente, é, até, prejudicial, no capítulo de aperfeiçoamento técnico. Mas quem pensa nisso? A época val a estrada — e é preciso «arrumar o caso»... — como soe dizer-se.

Jorge Monteiro

Nuno de Moraes

Uma revelação no atletismo bracarense

SURTIU mais uma revelação do nosso atletismo. João Nuno de Moraes, do Académico de Braga, conquistou nos campeonatos de juniores do Norte um honroso lugar com a brilhante obtenção de 3 títulos. Na prova dos 150 metros bateu o recorde de Portugal, estabelecendo o novo «tempo» de 16,6 s. e venceu, ainda, os 80 metros e salto à vara. É de lamentar que, primitivamente, se criassem dificuldades — as já históricas dificuldades — a este atleta, que no salto à vara não pôde melhorar os 2,90 metros que lhe deram o título de campeão regional. As suas possibilidades nesta prova eram excelentes e pena foi que não tivesse feito todas as tentativas a que tinha direito para melhorar a «marca» ou bater, até, o recorde nacional.

Era mais uma oportunidade do Norte tentar a conquista dum recorde. Todavia, não compreendemos como tanta gente faz alarde da necessidade de competir e acompanhar, lado a lado, os progressos dos atletas do Sul e seja, precisamente, essa mesma gente que cria dificuldades àqueles que trabalham e procuram aperfeiçoar-se. Enquanto os «marechais» do atletismo nortenho se não convencem de que os atletas bracarenses merecem as mesmas atenções, o mesmo carinho, o mesmo amparo moral, etc. que os representantes da Invicta, o atletismo desta região jamais ultrapassará a mediocridade. O Académico de Braga, 3.º classificado nos últimos campeonatos, com 61 pontos e 4 títulos, teve a representá-lo 8 atletas. O F. C. Porto, vencedor, com 130 pontos e 7 títulos, fez-se representar com cerca de três dezenas e meia de atletas. A desproporção é flagrante e verifica-se claramente até onde iriam os nossos academistas se apre-

QUATRO ASSUNTOS

que merecem pôr-se em foco

TRATA-SE de quatro verdadeiros acontecimentos! E qual deles o mais importante. Que podem, por certo, ter efeitos futuros. Mas não se vislumbrem ainda quais... Convém, no entanto, pô-los aqui em realce.

A bellissima Iniciativa do Vilanovense — bellissima em todos os aspectos — de promover, pela primeira vez no país, a disputa de um desafio entre hoquistas juniores, nem sequer carece de elogios! Avulsa naturalmente pela sua importância. E se é interessantíssima a Iniciativa do simpático e progres-

sivo Vilanovense (de Manuel dos Santos, para melhor dizer, pois foi ele o autor de tudo), não é menos interessante a preciosa colaboração do Académico.

Por que se não «imita» a Idela? Quando elas são boas, é que é aproveitável... E este podia muito bem ser imitada — que, sem dúvida, não viria mal nenhum ao mundo pelo «imitação». Valeu? A semente está lançada. Agora é só continuar.

Parabéns ao Vilanovense. E também ao Académico. E, ainda, a Manuel dos Santos. Animo velho não causa! Oxalá que a Iniciativa, bela Iniciativa, por sinal, tenha continuadores. A bem do desporto em geral e do hoquei em particular.

Outro assunto, que são, aliás, dois... Os campeões de Lisboa e Porto, em 1944/45, foram desalojados — e nem sequer tiveram entrada na Taça! A coincidência não deixa de ser interessante.

Mas há mais: — é que ambos (Benfica e F. C. do Porto) cederam seus títulos em favor dos 2.º de então (Futebol Benfica e Ramalense) — e foram ainda obrigados a jogar de desempate, para apuramento da 2.ª classificação, que também perderam! E, aqui, registre-se nova coincidência: — os seus vencedores (Belenenses e Académico) são, agora, estreantes na Taça...

Que significará tudo isto? Sim! Que significará? Coincidência... Pura coincidência!

Último caso a referir: — as duas derrotas do Futebol Benfica, no primeiro jogo da Taça de Portugal, que, como é do conhecimento geral, começou a disputar-se no dia 29 do preterito mês e se conclui hoje. Enquanto os campeões lisboenses perderam — o Belenenses botou melhor figura: conquistou dois empates.

Sintetizando: o 2.º de Lisboa fez melhor que o campeão... E apetece perguntar outra vez: — Que significará isto?

Benigno da Cruz

Jorge Monteiro

Sport Algés e Dafundo

(Continuação da página 1)

... nomes grandes de hoje

E a lista viria até à actualidade, recheada de nomes gloriosos. De ano para ano, o Algés nos apresenta novos campeões. Referindo-nos, apenas, àqueles que de momento se encontram em posição de mais evidência, é justo citar os nomes de João Franco do Vale, Lucília Angejo, António e Leonel Gelo Alves, Maria de Lourdes Teixeira Mendes, João Eduardo Pereira Bastos, Manuel Roquete Ricciardi, e, acima de todos, o esperançoso Guilherme José Patrão, último representante de uma família de nadadores, que o ano passado se Internacionalizou contra a Espanha, e que é hoje, depois de Mário Si-

mas, o nosso melhor «sprinter» — Guilherme Patrão, símbolo vivo das virtudes que foram apogónio, durante trinta e um anos, dos grandes campeões que têm representado o Algés e Dafundo, é hoje a grande esperança do Clube. E será amanhã a sua grande glória!

O Algés deve, pois, sentir legítimo orgulho pela obra realizada — devendo ao mesmo tempo confiar no futuro. Saudando-o pelo que de útil e grandioso tem realizado nos trinta e um anos decorridos, Stadium deseja sinceramente que o futuro seja, em absoluto, digno do passado e do presente, como melhor garantia para a continuação dos seus esforços em prol da propagação e expansão dos desportos náuticos.

Abreu Torres

COMEÇARAM a disputar-se em Espanha, na semana passada, os campeonatos regionais de atletismo nas regiões consideradas mais fortes: Castela e Catalunha, fora das quais ficam apenas, como figuras de relevo internacional, Moncho Rodrigues, Appelantz, Erranzquin e o mais velho dos Adarraga.

Os resultados até agora verificados não nos mostram considerável progresso; vê-se que houve trabalho e vontade de cuidadosa preparação, mas não ressaltam marcas extraordinárias. Aquela que mais realça é o tempo de 15 m. 20 s. conseguido na légua pelo catalão Gregório Rojo, que, pelo visto, vai ser na pista de Monjuich um adversário muito difícil para a nossa parelha Silva-Marques.

Dos lançadores apenas sobressai o nosso conhecido Torres, com 12,88 metros no peso e 38,69 metros no disco, o que não mostra avanço apreciável em relação às suas marcas do ano passado.

Valhomat saltou 6,85 metros e Navarro 6,46 metros e Petinto, que no Porto parecera em excelente forma, deixou-se bater em Madrid por um corredor de

5.000 metros, Macias, em 1 m. 59,4 s., certamente vítima uma vez mais da sua falta de ponta final.

Estes resultados merecem ser atentemente acompanhados por nós, portugueses, pois neles iremos colhendo as primeiras indicações sobre os riscos, probabilidades e embaraços que nos esperam dentro de três semanas em Barcelona.

Cautela. No entanto, com as conclusões formais; leremos que esperar pelos nacionais para conhecer com melhor rigor as forças de que dispõe o atletismo espanhol.

Não caímos no mesmo erro, um tanto ridículo, em que incorreu na entrevista concedida a «Marca» ao regressar do Porto, o conhecido corredor dr. Petinto, tomando como base os resultados do festival português, onde apenas participaram seis atletas portugueses de categoria internacional, alguns dos quais ainda longe de boa condição física, afirmou sem hesitações que o atletismo português estava em decadência.

Não sabemos se o simpático desportista costuma ler jornais portugueses, mas, se assim é, deve ter ficado perplexo ao tomar

conhecimento dos resultados obtidos nos Regionais de seniores.

Partir do caso especial para a generalização, sem mais cuidados, pode provocar enganos formais.

Lembra-nos a história de certo jornalista estrangeiro que viera ao nosso país em serviço de reportagem e, logo ao desembarcar, esbarrou no próprio cais com uma rapariga loira. Tanto bastou para que na sua primeira crónica escrevesse categoricamente: «Ao contrário do que supomos por tradição, as mulheres portuguesas são todas brancas e loiras».

A COMPETÊNCIA NÃO SE IMPROVISA

A boa vontade e a dedicação dos dirigentes do atletismo português não chegam averiguadamente para suprir nalguns deles aquele mínimo de competência técnica que é indispensável para garantir às pro-

vas oficiais e aos seus resultados a exactidão que um desporto essencialmente concreto exige em todas as suas manifestações.

Afigura-se-nos que se vai tornando necessário criar também uma escola de técnicos a par da preparação especializada dos atletas; não apenas de juizes árbitros — como tão acertadamente acaba de determinar a Direcção Geral de Desportos — mas também de juizes de partida, de concurso e cronometristas.

Quando se referiu às reclamações dos corredores portugueses contra o critério do juiz de partida nos Nacionais de Juniores, o nosso redactor da rubrica, reconhecendo a sua sinceridade, deduziu que a causa deveria ser o sistema errado por parte do juiz a que estavam habituados. Efectivamente a dedução foi confirmada dias depois pelas informações dos atletas e dirigentes que se deslocaram ao Porto por motivo do festival luso-espanhol; o juiz de partida português, ainda mal tem acabado de pronunciar «estão prontos?» e já o tiro soou.

Eis um exemplo de boa vontade que só prejudica atletas e a verdade do atletismo.

Vamos ver outro caso: as cronometragens secundárias na primeira jornada dos Regionais do Sul.

Partimos do princípio que os tempos dos primeiros classificados, obtidos por três homens experientes (Afonso Salcedo, Pires Ventura e Viriato Figueiredo), são exactos; comparemo-los com os restantes.

Humberto Bastos chega à meta com mais de 10 metros de atraso, em passada, olhando para trás com a preocupação única de não ser alcançado por Adrião Gomes e conservar o segundo posto; atribuem-lhe mais 4 décimos de segundo do que a Francisco Bastos!

Artur Dias, cuja velocidade final era evidentemente maior do que a de Humberto Bastos, vem, em relação a Matos Fernandes, com menos atraso do que a distância que separava os dois sportingistas nos 1.500 metros: a cronometragem oficial atrai-lhe com 1,6 s. de diferença!!

Estudemos agora os 100 metros.

Núncio é batido por mais de dois metros e registam-lhe dois décimos de segundo a mais sobre o tempo de Paquete; Mendonça traz um metro escasso de atraso de Núncio e anuncia-se-lhe três décimos de segundo sobre a marca do corredor que o antecede!!!

A mesma observação se pode fazer referente aos tempos relativos dos três primeiros chegados nas barreiras.

Isto prova que um cronometro se não pode confiar ao primeiro bem intencionado que aparece a colaborar na pista; nem tão pouco a quem se deixa arrastar pela paixão da luta a que assiste.

Um Concurso Temático no «Xadrez Brasileiro»

A magnífica revista brasileira de Xadrez, cuja secção de Problemas é dirigida pelo conhecido mestre internacional, dr. Monteiro da Silveira, anuncia um Concurso Temático, para o qual chamamos a atenção dos problemistas portugueses.

O torneio tem carácter internacional. Os problemas, de mate em dois lances, devem apresentar o seguinte tema:

Num tema de «correção negra», a jogada de «erro geral» origina uma nova ameaça, contingente, de xeque-duplo de bateria com intercepção branca, e a jogada de correção evita essa nova ameaça por intercepção branca, que impede intercepção branca, dando lugar a um mate final pela mesma bateria.

O problema do proponente serve de modelo, apresentando a ideia em uma só variante temática. Outro exemplo, digno de confronto e estudo: Dr. Monteiro da Silveira, X.B., 1945, — 2 d d T b 2 — 8 — 2 B c t P 2 — T 2 C 3 R — b C 2 r p P 1 — 3 p p 3 — 1 B 4 P 1 — 8. Chave: 1.Ca6; se 1...C joga 2.Cc3 mate (erro geral); as brancas, neste mate, interceptam o próprio bispo. Se 1...Cb5 (correção negra); as pretas inter-

ceptam uma peça branca impedindo intercepção branca) 2.Cc7 (outro mate pela mesma bateria).

A ideia é talvez inspirada no tema Péris, de que damos um belo exemplo no segundo diagrama. O autor delinea-o assim: Uma bateria branca ameaça mate por abertura compensadora. As negras defendem a ameaça

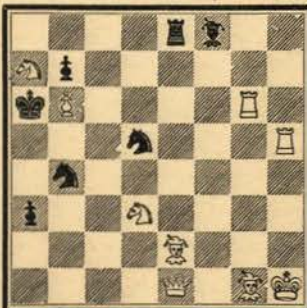
por intercepção branca que impede intercepção, porém tornam possível outro mate pela mesma bateria».

Como se verifica, os enunciados assemelham-se muito. O tema brasileiro exige a particularidade da ameaça de abertura compensadora constituir a sub-ameaça normal do «erro geral». Temos pois uma «combinação lógica do tema Péris com a correção negra». Muito interessante, e sem dúvida um torneio predestinado a êxito assinalável.

Os originais, em número indeterminado, devem ser enviados ao juiz do concurso, dr. Monteiro da Silveira, R. Gonçalves Dias, 46 Rio de Janeiro, Brasil. O prazo de recepção terminará em 20 de Outubro de 1946.

Dr. Monteiro da Silveira

«Xadrez Brasileiro», 1945

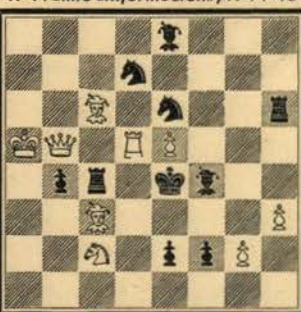


1. Dc3 2 X

Se 1... Cb joga; 2.Cc5
1... Cc6 (Corr.) 2.Ce5

Julio Peris

1.º Prémio «Información», 1944-45



1. Pg4 2 X

1... Cd-c5; 2.Td7
1... Ce-c5; 2.Td6
1... Te5 2.Txe5

Verónica de Touro



chegando a beijar o touro — o que causou inveja a muita gente boa. Deu a volta à arena com o seu mestre D. Ruy da Câmara, com os dois “matadores” e o neto do ganadero e com os referidos Josés que são os empregários homônimos.

Ortega animou os que de Badajoz tinham vindo entristecidos, dando-lhes nova vida e novas ilusões. Foi o seu lote o ideal, composto por dois touros finos de tipo, bem diferentes dos de Pepe Luis que eram “bastos”, e neles fez tudo, menos o que não pode, que é usar bem da mão esquerda, tourea-los, enfim como os touros mereciam. O que fez — e que em Espanha já lhe não consentem — justificava-se com touros mansos, ou fugidios, aqueles em que melhor está. Mas com aqueles touros não havia que fazer aquilo, mas sim que toureá-los apenas como eles pediam. Não havia problema a resolver, e na resolução de problemas é que Ortega está bem.

Seja como for entusiasmou o público que o vitoriou e fez duas voltas à arena, e até saiu da Praça em ombros.

Pepe Luis teve que se haver com um touro que se apagou, o 1.º, e com outro que não parou até final e não deixou que o toureiro se pusesse.

Assim mesmo apreciamos o fino toureiro sevilhano numa série de “verónicas” impecáveis e rematadas com “média” magnífica, e em vários passes naturais, correndo a mão como ele sabe.

Bregou muito bem o nosso Procópio, e “Ale” deu suas “verónicas”, e banbarilharam “Niño dela Palma”, bem como Luis Morales e Bogota, e “Blanquito” e António D. as.

Foi uma boa tarde taurina a do “Colete Encarnado”, precedida dum manhã de “espera”, das tais que esperamos que passem para, sem prejudicar a Festa do “Colete Encarnado” nem Vila Franca, repetirmos o que já temos escrito acerca dos perigos absurdos que oferecem para toureiros espontâneos, sem possibilidades, animadas muitas vezes por libações.

O espectáculo com touros é para profissionais que, por ânsia de dinheiro ou de glória, arrissem a vida com conhecimentos técnicos, com possibilidade de defesa. Seja em Pamplona ou em Vila Franca somos contra os chamados “encierros” pelo perigo que encerram para pobre gente sem preparação.

O que se faz na Praça com os touros não pode ser classificado de bárbaro quando vemos que nas experiências da bomba atômica morrem, aos poucos, animais que acabam encarquilhados, torcidos, como dizem os telegramas. O que se faz na rua, com loucos ou embriagados, será muito da tradição mas não devia ser consentido em terras civilizadas. O touro não sofre, quando rapidamente morre na arena. Os touros que aparecem nas “esperas”,

que não são os que vão para a Praça sofrem durante aquelas horas de tortura em que todos os lados os desafiam e perseguem, congestionando-os, matando-os aos poucos. Sentimos quebrar a tradição e ir contra o gosto de muitos, mas iríamos contra a nossa consciência de “aficionados”, e de homens civilizados, se não tivéssemos este desabafo, sincero ainda que tardio. A morte dum homem, que não era um toureiro profissional, justifica o que escrevemos.

EL TERRIBLE PEREZ

1 — Pepe Luis Vasquez seria o melhor toureiro de Espanha, pelo menos o rival de “Manolete”, se tivesse essa ambição; mas, o fino toureiro sevilhano, árabe e andaluz, não nasceu para esforços que a sua arte lhe dispensa. Actualmente mata melhor, com o braço em arco como fazia o seu “apoderado” Marcial. E como todos lhe reconhecem já qualidades de “maestro”, dispõe-se apenas a sê-lo quando possa. E por quanto tempo possa, por mais vinte anos, pelo menos, como aconteceu a “Chicuelo”.

2 — Domingo Ortega é o toureiro da mão direita fácil, e fácil domínio dos touros mansos, fugidios. Ao touro bravo não sabe aproveitá-lo porque não sabe tourear com a mão esquerda, ao natural. Por isso recorre em todos os touros ao mesmo processo de domínio, ainda que não seja preciso dominar. E usa daqueles passes do “Olá, amigo!”, abraçando o touro, ou passando o toureiro da cabeça para a cauda. Em Espanha já lh'o não consentem, mas por cá ainda ha quem goste.

3 — Conchita Cintron é um prodígio de destreza e de gentileza. A cavalo e a pé, e muito mais agradaria em Espanha se pudesse descer do cavalo. A um dos seus touros, de Vila Franca disse-lhe amabilidades ao telefone — a sorte de Arruza, fez-lhe festas e deu-lhe beijos no focinho. E o touro, impressionado com tantos carinhos, colheu-a de maneira mais delicada, numa carícia à sua maneira...





O Belenenses prestou homenagem aos seus campeões nacionais. Nesta página apresentamos vários aspectos da festa, sendo de maior vulto a entrega da «Taça O Século» ao team vencedor, pelo nosso colega Luis Ferreira, daquelle jornal



TODOS OS DESPORTOS

A equipa do Algés, composta por João Pereira Bastos, Oscar Cabral e Artur Malheiro, vencedora da meia milha da A. N. L.



Um aspecto da larçada

João Pereira Bastos, do Algés, vencedor individual, em plena prova



REALIZ-SE no próximo sábado e domingo a festa anual dos campistas portugueses.

Jornada de confraternização e propaganda, a sua iniciativa e organização deve-se este ano à Associação de Campismo de Lisboa e está movimentando entusiasmadamente todos os adeptos de «ar livre», subindo já a algumas centenas o número de inscrições registadas.

Não admira que assim suceda, pois, desde os seus primeiros passos, há poucos anos, até hoje, as fileiras campistas de ano para ano se vão tornando mais compactas e conscientes da projecção que o seu movimento pode alcançar entre as massas populares, trazendo-as ao contacto salutar da natureza, tão fértil em benefícios tanto de ordem física como cultural.

Rompendo com a rotina e o falso sentido da vida que a cidade impõe, os campistas são já hoje olhados com simpatia como os pioneiros do revigoramento e elevação moral de todos os portugueses.

Por isso será de camaradagem fraterna o «fim de semana» próximo que atingirá a máxima vibração quando, durante o tradicional «jogo de acampamento» for lida a mensagem de saudação, que à mesma hora e de norte a sul do País, será escutada por todos os praticantes do desporto ao «ar livre».

Em Lisboa, exhibir-se-ão muitos numeros de canto, música e recitação, destacando-se a primeira apresentação do Coral Campista de Lisboa interpretando canções regionais.

A organização deste ano procura ser modelar.



Dois factos de combate Beni Levi-Martiano Mira



MOSAICOS nortenhos...

RESOLVEU-SE superiormente transferir Elói da Costa Perelro, elleito no F. C. do Porto, para o S. L. Benfica. Continuamos a não saber se valerá a pena trabalhar. Este e outros casos têm sido comentadíssimos nas tertúlas desportivas da cidade.

♦ O ANDEBOL está a caminho da desorganização, nesta cidade. Claro: — *talhou-se* à vontade de certos elementos, fazendo e desfazendo sem qualquer cerimónia, e o resultado não pode surpreender. Tudo muito lamentável, porém.

♦ O PÚBLICO do Porto continua a esperar. A esperar que o não troleem desdenhosamente, muito à distância, olhando-o como quem olha uma coisa de aspecto secundário...

♦ O CICLISMO forneceu-nos nova jornada de pista. Estiveram no Lima os melhores ciclistas nacionais, e o par Fernando Moreira—Onofre Tavares conseguiu uma vitória que foi justamente aplaudida. O pequeno Onofre—19 anos!—e o jovem Moreira—20 anos!—denunciaram mais uma vez as suas grandes faculdades.

São dois produtos do F. C. do Porto, que os lançou desde iniciados na modalidade. Se não aparecer quem estrague o seu trabalho...

♦ A PROPÓSITO de protestos que se resolvem com extraordinária velocidade e de outras coisas mais, lembrava o nosso colega «Norte Desportivo» que nada se disse ou se resolveu sobre dois jogos efectuados pelo Atlético contra o Boa Vista e o Vitória de Guimarães. Os reparos são justos e oportunos.

♦ PERGUNTA-SE: — quando se efectuarão jogos de futebol com 90 minutos? Em Coimbra, no jogo Porto-Atlético, o guarda-redes Correia conservou-se «magoado» durante 8 minutos. O árbitro Augusto Pacheco descontou 4... O Porto protestou. Indeferido.

Realmente, o campeão portuense ainda é de bom tempo...

♦ A ESTIMA por Artur de Sousa esteve bem ao de cima no último domingo. O popularíssimo «Pinga» terá pela vida fora uma satisfação imensa: — a de lhe ter valido a pena vestir durante 16 anos a camisola do mais importante clube do Porto.

♦ O SPORTING também não se deslocou para esta cidade, a fim de jogar andebol com o F. C. do Porto. Sucederam, entretanto «novos casos» no xadrez da modalidade. Há agora esperança na alteração definitiva de certos processos últimamente seguidos. Ainda bem.

CUIDADO...

EM diversas modalidades, e ultimamente com mais expressão no andebol, têm-se verificado incidentes tão lamentáveis, que não nos repugna acreditar numa reviravolta penosa para tão interessante desporto. Falta quem analise os factos sucedidos com muito cuidado, porque os mais ligados à questão, ou se deixam conduzir por vontades alheias, ou dirigem as coisas apaixonadamente e sem o lino requerido em semelhante emergência.

Fez-se mal, caminhou-se precipitadamente, e só é de lamentar que pessoas com responsabilidade conduzissem a questão de modo que feriu e estabeleceu um estado de espírito desorientador. Exige-se disciplina, obediência e respeito. Certíssimo. Mas não se correspondendo a esse esforço, também se perde a vontade e o desejo firme de prosseguir na luta.

O aborrecimento pelo que se passa é flagrante. Parece que uma falta de respeito invadiu todos os cérebros, e os comentários são cada vez mais ásperos. Não devemos ceder, por certo, às razões públicas, a que nunca faltam paixão e génio inventivo. Mas também não custa ter cuidado com «estas pequeninas coisas». Não se queixem depois das consequências...

NOVO APELO...

Porto tem as suas aspirações. E não justas, não justas... O sr. dr. Luís de Pina, ilustre professor da Faculdade de Medicina e actualmente presidente da Câmara Municipal do Porto, conhece bem essas aspirações, esses anseios, todos os direitos de uma terra progressiva e desportiva.

A questão do Estádio do F. C. do Porto—como da piscina, tem encontrado no sr. dr. Luís de Pina um

defensor distinto e devotado. Os portuenses esperam que a sua acção seja bem sucedida e acompanham por isso a sua boa vontade, o seu espírito de contribuir para a expansão desportiva do Porto.

O Porto espera — pode repetir-se. E o sr. Presidente da Câmara Municipal, que bem sabe o que espera o Porto, não deixará de erguer a sua voz na defesa dos sagrados interesses da massa desportiva da segunda cidade do país.

E ninguém melhor que o ilustre presidente da Câmara Municipal do Porto. O prestígio do sr. dr. Luís de Pina e o seu conhecimento directo das necessidades locais podem conquistar as regalias sonhadas por todos os desportistas.



Dr. LUIS DE PINA



Herculano Mendes apareceu um dia, há anos, no Académico. Vinha lá do Minho, era fortíssimo, e sabia-se que tinha certa habilidade como lançador de peso, martelo, disco e dardo. E assim era. Breve destronou os melhores valores portuenses. Pouco depois, — todos os valores nacionais do peso, disco e martelo. Cairam recordes. Conquistou títulos sobre títulos. Finalmente — foi «internacional».

Passaram-se os anos sobre Herculano. Deixou a certa altura de representar o Académico, por se fixar em Leiria, onde revolucionou o «meio operário» da Fábrica de Cimento Liz. Mas por pouco tempo. Voltou ao Académico.

Hoje, Herculano Mendes dirige os atletas do Académico, actuando ele mesmo junto dos seus pupilos. É um exemplo. O popular Herculano só conta simpatias entre os praticantes, sejam ou não da sua colectividade. As suas altitudes de desportista conquistaram amizades sólidas, indesmentíveis, e por isso o aplaudem simpáticos de todos os sectores.

Bem merece Herculano Mendes as provas de consideração que lhe tributem. Soube conquistar as admirações gerais, e, quando assim sucede, nada mais grato para o espírito crítico de quem observa.

ACTUALIDADES...

Os regionais de atletismo

NA segunda jornada dos campeonatos regionais de seniores, pôde ver-se que o F. C. do Porto apertou melhor do que se esperava o Académico, onde apenas Sampaio Peixoto é, verdadeiramente, figura representativa.

O F. C. P., por sua vez, não possui seniores de boa categoria, «fazendo fogo» com um ou outro que denuncia futuro, e com os juniores mais esperançosos. Claro que o atletismo portuense, suportando abandonos de atletas, — abandonos preparados por «bons desportistas», por gente que

se vangloria de criar quando afinal *pescam* o mais possível no campo alheio), dificilmente poderá recompor-se.

Estamos mesmo a ver, mais hoje mais amanhã, tanta gente a escrever que é lamentável a falta de representantes capazes no Porto, etc., etc. Há pessoas para tudo, enquanto o seu «atrevimento» não for devidamente considerado.

Para fechar, diga-se que não apareceu nada de notável no atletismo portuense. E assim sucederá enquanto se observarem casos como aquele que se verificou esta época.

Muito triste e muito lamentável,

Uma vitória que consagra um nadador

— a de Pereira Bastos, na «meia-milha»

Foi necessária a intervenção decidida da Direcção Geral de Desportos para que o campeonato nacional de andebol retomasse o curso normal, perturbado e relido pelo confuso desentendimento que reina no Porto entre a Associação e o Futebol Clube do Porto.

Esclarecidas pela Federação as Interrogações que pusemos na crónica da semana passada, ficámos sabendo que não era verdadeiro o boato de desistência do grupo detentor do título, mas que este, numa atitude difícil de explicar disciplinadamente ante as hierarquias superiores, apesar de não desistir comunicava ao organismo associativo de que depende que não compareceria em campo.

Foi assim que o Vigorosa averbou, sem necessidade de lutar, a sua primeira vitória no torneio: a rogo da Federação interveio então o Delegado da Direcção Geral dos Desportos no Porto, e, com o acordo do Sporting, que agiu nestas circunstâncias com um desportivismo merecedor de êncômio, resolveu transferir o encontro para amanhã, impedindo assim a desoladora eliminação dos azuis e brancos.

Entretanto, o Desportivo «Cuf» averbava duas vitórias, que lhe devem bastar para a conquista do campeonato; a primeira vítima foi o Sporting, derrotado por 9-5, e a segunda o Vigorosa, que perdeu por 6-5, demonstrando novamente aquela falta de fundo que já o inferiorizaria ante os «leões».

Já não podem restar dúvidas de que o campeão nacional será este ano um clube de Lisboa, e só não será o «Cuf» se o Sporting conseguir vitórias nos três jogos que lhe faltam, o que se nos afigura muito difícil com a linha de que dispõe e onde lhe falta evidentemente um avançado que ocupe o centro da linha.

Ao grupo sucede o mesmo que ao Futebol Clube do Porto: carece de rejuvenescimento das linhas.

Enquanto a vida do campeonato vai prosseguindo desta forma acidentada, os federalistas preparam a vinda do grupo campeão suíço, que nos visitará no fim do mês corrente, para disputar duas partidas, em Lisboa e no Porto.

A inicialiva é de grande importância, mas vem demasiado tarde na temporada portuguesa, que está excedendo muito a sua duração regulamentar. O calor aperta a valer e, nestas condições, uma partida de andebol representa esforço penoso para os jogadores, sobretudo para os suíços, que não estão habituados ao nosso clima e devem sofrer com os ardores do sol.

O calendário do andebol português anda mal arrumado e as culpas, na época corrente, pertencem exclusivamente à associação portuguesa, cuja prova regional nunca mais teve fim. A atmosfera andebolista, lá para as bandas do Norte, anda demasiado carregada de electricidade, e as consequências reflectem-se nos próprios resultados desportivos.

Sem união não há força.

José de Eça

DURANTE anos — cerca de um lustro — clamámos nestas colunas pela necessidade imperiosa de se realizarem provas de natação, no rio ou no mar.

Era um critério, um ponto de vista, que defendemos intransigentemente, e que, como todos os pontos de vista, tinha partidários e discordantes. O que, porém, ninguém poderá afirmar é que, ao menos uma vez sequer, nos tivéssemos alastado do nosso critério pessoal.

Clamámos, assim, no deserto, certos de que, um dia, uma aragem de bom senso viria indicar aos dirigentes da natação lisboeta esse ramo perdido: o Tejo. O Tejo — razão de ser da existência e da beleza da nossa capital — estava esquecido.

Luis Alves Miguel — permitam-se-nos a expressão — redescobriu o Tejo... E em boa hora o fez. E se o triunfo de há duas semanas foi convincente, o do último domingo — é de elementar

justiça dizê-lo — excedeu toda a expectativa.

A corrida da «meia-milha» veio demonstrar eloquentemente todas as virtudes de uma prova de rio: competição em que o esforço do atleta, em contacto directo com os elementos, ganha cambiantes de melhor beleza, manifestações desportivas que vão levar junto do público que normalmente delas anda arredio, a propaganda pelo facto, a propaganda pelo exemplo.

A prova de domingo — que dezasseite nadadores disputaram — veio trazer uma figura mais ao primeiro plano da natação lusitana. Chama-se João Eduardo Pereira Bastos, nada apenas há dois anos, e comporta-se como só se pode comportar um atleta com fibra de campeão.

A sua vitória, no «tempo» de 12 m. 59,8 s., foi indiscutível — brilhante. Revelou boas facilidades para provas de meio fundo, como já as havia revelado quando, no início da época, se apoderou

do recorde dos 500 metros — livres, juniores.

Nos lugares de honra, temos ainda a registar a bela prova de Óscar Cabral, que lhe valeu o segundo posto da classificação, no «tempo» de 13 m. 18,5, a revelar-nos, talvez, um Óscar Cabral em retorno de «forma».

Belmiro Severino dos Santos foi o terceiro, depois de ter comandado a corrida na sua fase inicial e de segurar em segundo lugar durante boa parte do percurso. Pareceu-nos em dia de pouca inspiração. Belmiro tem a palavra, em próximas competições.

O Algés trianfoa, também, por equipas, para o que muito contribuiu o comportamento valeroso de Artur Malheiro da Silva.

Enfim, a prova da «meia-milha» foi um êxito. Como tal ficará para a história da temporada de 1946. E venham mais provas de mar!...

Abreu Torres

ATLETISMO

(Continuação da página 4)

e voltemos ao nosso assunto. A equipa do Sporting, da estafeta 4x400 m., destacada desde o primeiro percurso e lutando isolada, creditou-se de famosa proeza, batendo o recorde nacional com 4 m., 31,2 s. (média de 52,8 s.); Domingos Canhão, que já não é uma esperança, mas sim uma realidade segura no nosso atletismo, foi um elemento que melhor impressionou gastando no seu percurso menos de 52 segundos.

Outra vitória que valeu fartos aplausos e com a qual nos congratulamos pela estima e apreço que nos merece o seu autor, foi a do veterano Martins Vieira no salto à vara.

Vieira, por legítimo direito, tem um lugar na representação nacional que irá a Barcelona; não haverá um único dos seus camaradas, dos dirigentes e adeptos da modalidade, que lho não deseje e o seu triunfo no concurso em que mais lauzadas tradições possui é um começo de garantia.

Os lançadores não nos convenceram; Pinto Basto nada progrediu do ano passado para este, Raivo afundou-se e não aparece quem se possa considerar capaz de arcar com as responsabilidades de uma representação nacional.

Os discóbolos falharam também; José Luis vale mais do que conseguiu, mas quase todos os lançamentos lhe saíram demasiados baixos por deficiência na oscilação do braço; Manuel da

Silva, embora também atirando baixo, aproveitou melhor a chicotada do braço, mas executada cada vez pior, em completo desequilíbrio, a rotação no círculo.

Os 5000 metros foram a repetição redazida das duas léguas do domingo anterior, com Silva e Marques a dominarem à vontade.

Na corrida de 800 metros, alinharam participantes em número exagerado, o que é arriscado

ter mais de vinte metros de avanço.

João Jacinto, muito bom segundo, e Humberto Bastos seguiram o campeão na arrancada e lutaram com toda a sua energia. Note-se que nesta prova o 5.º classificado fez 2 m. 5,5 s., que é o 22.º resultado português.

No salto em comprimento fez-se sentir a falta de Álvaro Dias, ainda não curado da lesão muscular que sofreu e a que não deve ser estranha a sua deplorável actividade futebolística durante o Inverno. João Vieira ganhou por pequena diferença sobre Matos Fernandes, mas Luis Alcide ficou longe dos anunciados sete metros.

Para completar esta crónica vamos indicar os resultados melhor cotados na tabela finlandesa e a sua equivalência:

100 m. em 10,5 s. (T. Paqueté) — 1.000 p. 100 m. em 10,7 s. (M. Nácio) — 934 p. 400 m. barreiros em 55,1 s. (M. Fernandes) — 898 p. 1,85 em altura (M. Fernandes) 846 p. 400 m. em 51 s. (M. Fernandes) — 818 p. 110 m. barreiras em 15,7 (F. Ferreira) 818 p.

São estas as únicas marcas com valor além dos 800 pontos.

E, agora, esperemos sábado e domingo para presenciar os Nacionais, que a Federação decidiu transferir para Lisboa muito acertadamente, de acordo com os organismos portugueses.

Salazar Correia

Condições de assinatura

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

para eles próprios; Bastos, correndo com a maior prudência, ganhou em tempo modesto para os seus recursos, mas mostrou completa autoridade na perseguição a Vicente, que se esca para aos 350 metros e chegou a

Ano IV — II Série

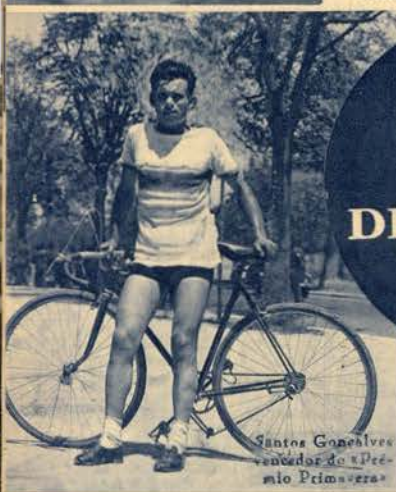
Lisboá, 10 de Julho de 1946

N.º 158

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Director e Editor: DR. GUILHERMO DE MATOS
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 51140 — LISBOA
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA



Os concorrentes a uma prova de esgrima efectuada no Colégio Militar



Santos Gonçalves vencedor do «Prémio Primavera»

TODOS OS DESPORTOS

O jate «Wicking», ao chegar à meta em 1.º lugar na regata Sesimbra-Lisboa



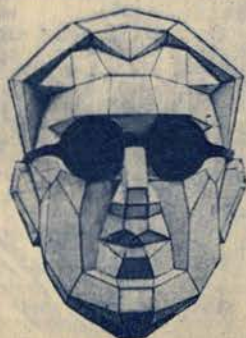
Aspectos da prova de «sharpies» disputada em Pedrouços



1 — O grupo de hóquei em campo do Académico, do Porto, que está em 1.º lugar com o Futebol Benfica

2 — O 1.º team do Futebol Benfica, à frente da classificação do campeonato de hóquei, com o Académico

3 — A equipa do G. D. da «Cuf», que está a dois passos do título máximo de andebol



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes «ZEISS»
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2529 LISBOA

VASCO DA GAMA de Porto
CAMPIÓN DE BAZQUETEBOL



FARGO

VASCO DA GAMA do Porto

CAMPIÕES DE BASQUETEBOL



A equipa de Juniores do Sporting Clube Vasco da Gama, que conquistou o campeonato de Portugal, pela terceira vez consecutiva.



Flecha

a bicicleta dos campeões

A ILUMINANTE

Stand FLECHA
Largo do Intendente - Lisboa



Stadium

Esc. 2\$00